

Setor essencial

Em época de pandemia, a importância e a necessidade da produção de alimentos e de empregos se tornam ainda mais evidentes

No século passado, a humanidade sofreu com algumas doenças como tifo, malária, tuberculose, raiva, cólera, sarampo, Aids e a mais devastadora – a gripe espanhola. Nos últimos 20 anos (1/5 do tempo), o número de doenças disparou - surgiram vaca louca, ebola, gripe suína, gripe aviária, H1N1, dengue, malária e agora o coronavírus. Não é difícil concluir que os principais fatores relacionados às doenças são urbanização descontrolada (favelas), saneamento básico, consumo de animais selvagens, produção em sistemas de confinamento e globalização que favorece o transporte e viagens em nível mundial.

As consequências da pandemia atual foram inimagináveis e inéditas. A proibição do direito de ir e vir; a incapacidade dos hospitais em atender os pacientes em tempo; o fechamento das instituições religiosas, das instituições de ensino, da maioria do comércio, das praias ensolaradas; a interrupção brusca do turismo, dos eventos, das competições esportivas; a impossibilidade de se despedir de entes queridos etc. são situações que afetaram praticamente todos os países do planeta.

Algumas atitudes também foram inimagináveis como o auxílio emergencial em alguns países (em vários simplesmente não existiu), as doações generosas de empresas que se sensibilizaram com a tragédia. Simultaneamente ocorreram situações inadmissíveis como o furto ou o desvio de recursos destinados à compra de respiradores imprescindíveis aos pacientes graves. Ladrões e corruptos de respiradores, desprovidos de qualquer senso de solidariedade e empatia.

Algumas “lições” incontestáveis da pandemia devem ser transformadas em “lei” e fazer parte da constituição. A produção nacional de máscaras, luvas e respiradores, que devem ser tratados como itens de segurança nacional, assim como a pesquisa deve ser respeitada, valorizada e decisiva quando se trata de situações técnicas que exigem ciência, sabedoria e honestidade. Jamais as opiniões da mídia e das autoridades políticas devem ser predominantes e muito menos decisivas.


Em época de pandemia a produção de alimentos e o emprego foram indiscutivelmente os itens mais necessários à população, e neste caso a produção de batata e de outras hortaliças mostrou sua importância. Milhões de trabalhadores brasileiros continuaram empregados, trabalhando nas colheitas, nos barracões que classificam e empacotam, no

transporte, nas feiras livres, no varejo e fornecendo ininterruptamente alimentos frescos e saudáveis em abundância à população.

Quanto à situação da batata na pandemia, é necessário considerar que no primeiro semestre de 2020 ocorreu uma seca histórica no Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), excesso de chuvas em Minas Gerais e na Chapada Diamantina e redução da área plantada em todas essas regiões. Não é difícil concluir que houve uma forte redução na oferta de batatas frescas. Se nada de excepcional tivesse acontecido, os preços teriam sido elevadíssimos, mas com a pandemia o cenário mudou.

O fechamento de restaurantes, lanchonetes e bares reduziu o consumo de batatas industrializadas e favoreceu o aumento do consumo de batatas frescas adquiridas no varejo que permaneceu aberto. A população passou a fazer as refeições em casa e ao se abastecer nos supermercados optou por comprar hortaliças mais duráveis e reduzir as compras das perecíveis, principalmente as folhosas. A batata acabou sendo favorecida por ser durável, versátil e universal. Infelizmente poderia ter sido mais acessível se não fosse a tradicional política de preços gananciosos do varejo.

A partir de junho 2020 a oferta de batata passou a ser maior devido às excelentes condições climáticas que ocorreram nas principais regiões produtoras localizadas em São Paulo e Goiás e os preços começaram a cair, trazendo preocupação aos produtores, devido principalmente ao fim do auxílio emergencial a partir de agosto/setembro para milhões de consumidores. Se a oferta de batata fresca e o desemprego crescerem simultaneamente, as perspectivas serão temerosas após a pandemia.

Diante desta perspectiva espera-se que o governo priorize as cadeias produtivas de hortaliças que alimentam o Brasil, ou seja, valorize e apoie a geração de empregos, a sustentabilidade dos produtores, dos comerciantes e a segurança alimentar da população, que poderá consumir alimentos frescos, saudáveis, acessíveis e deliciosos. É recomendável evitar importações de produtos similares aos produzidos no Brasil – quando se importa o que possui em abundância, o resultado é desemprego em massa e falência de produtores e comerciantes. 

Natalino Shimoyama,
ABBA